

# ALGUNS SUBSÍDIOS PARA A ANÁLISE CONCEPTUAL E SEMÂNTICA DAS LINGUAGENS DE ESPECIALIDADE

*Rosa Maria Queirós dos Santos Fréjaville*  
*Université Jean Monnet Saint-Etienne – França*  
rosamaria.frejaville@wanadoo.fr

**RESUMO:** Trata o presente trabalho de algumas questões sobre a análise conceptual e semântica das linguagens de especialidade de domínios de experiência. São abordadas questões sobre o processo semiótico de construção de saberes assim como a teia de relações entre os conceitos e os termos. São também apresentados os resultados da análise terminológica de âmbito conceptual e semântico aplicada ao domínio de experiência da poluição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terminologia. Domínio. Linguagens de especialidade. Conceito. Unidade terminológica. Conceptologia. Semântica.

**RÉSUMÉ:** Dans ce travail on soulève quelques questions sur l’approche conceptuelle et sémantique des langages de spécialité des domaines d’expérience. On présente quelques réflexions sur le parcours sémiotique de construction des savoirs ainsi que sur les systèmes de relations entre concepts et termes. On présente également quelques résultats de l’application des modèles de l’analyse terminologique au niveau conceptuel et sémantique au domaine d’expérience de la pollution.

**MOTS-CLÉS:** Terminologie. Domain. Langages de spécialité. Concept. Unités terminologique. Conceptologie. Sémantique.

## 1. Preliminares

Os saberes e a Terminologia são os dois meios de afirmação do desenvolvimento tecnológico.

Os especialistas dos domínios são os actantes dos “programas de pesquisa”, geradores de “teorias” e, por conseguinte, criadores de linguagens de especialidade (Lsp), produtos de um consenso, constituindo um meio de expressão e de institucionalização como cultura dos saberes pelo circuito estruturado da comunicação especializada. E ao produzirem e ao utilizarem os conceitos/termos nas suas áreas, os especialistas interessam-se pela Terminologia. Cada área do saber, enquanto sistema cognitivo, ocupa um lugar específico no vasto universo do conhecimento, apresentando-se dotada de um conjunto organizado de conceitos interdependentes e de uma terminologia específica.

Os discursos das linguagens de especialidade são, também, o fruto das relações interdisciplinares, transdisciplinares e multidisciplinares dos diferentes domínios e áreas do saber<sup>1</sup>.

Neste universo multifacetado, a Terminologia, ciência interdisciplinar e transdisciplinar, com objeto e métodos próprios, ocupa um lugar de destaque no que diz respeito ao estudo da epistemologia e da idiossincrasia dos saberes, nomeadamente, nas suas manifestações terminológicas e terminogênicas. Das suas múltiplas orientações destacam-se: a extração de unidades terminológicas a partir de textos em especialidade de uma ou mais línguas, a análise de conceitos, a correspondência entre objetos e unidades terminológicas, a descrição dos objetos com observação das suas propriedades, a análise das correspondências de conceitos/termos necessárias à tradução em várias línguas<sup>2</sup>.

Para a análise das linguagens de especialidade e das terminologias muito contribuíram os trabalhos dos linguistas. Destacamos, pela sua importância no âmbito da afirmação da língua portuguesa, como língua da técnica e da ciência, os variadíssimos projetos e a vasta produção académica da professora Dra. Maria Aparecida Barbosa que, para além de insigne pesquisadora nas áreas da Lexicologia,

---

<sup>1</sup> Ou “arquipélago dos saberes” em referência à teia de relações ligando as variadas áreas do conhecimento.

<sup>2</sup> Cf, nomeadamente, Depecker (2005).

Lexicografia e Semântica, muito tem contribuído para a valorização e o desenvolvimento da Terminologia e da Terminografia.

## **2. A análise terminológica/linguística das terminologias**

O tratamento e análise terminológica/linguística de um domínio implica, em primeiro lugar, a descrição do modelo conceptual<sup>3</sup> e a “topografia verbal” que o define<sup>4</sup> de forma a poder classificar, ordenar, criar terminologias com finalidades específicas<sup>5</sup>. E implica, em segundo lugar, uma análise linguística circunstanciada dos seus conceitos e denominações, ponto de partida para a construção da matriz linguístico-terminológica do domínio (espelho da sua estrutura conceptual) e a sua difusão por meios terminográficos.

Esta análise permite, na verdade, ressaltar o sistema das unidades de compreensão (conceitos, categorias), as categorizações e variáveis do campo conceptual, os modelos de lexicalização e suas imbricações semânticas assim como as relações entre unidades linguísticas e unidades não linguísticas.

Ao consagrar-se à análise descritiva e sistemática dos termos, nomeadamente, a nível conceptual e semântico, de forma a tornar visível o sistema linguístico e as suas especificidades terminológicas, a metodologia linguística é, nesta fase, fundamental para a realização

---

<sup>3</sup> Partindo de uma análise diacrónica e de uma perspetiva epistemológica dos quadros conceptuais que estruturam a linguagem desse domínio, com vista a salientar as relações de interdisciplinaridade e de multidisciplinaridade entre os diferentes ramos do saber e a sua contribuição no contexto de uma prática social.

<sup>4</sup> Nomeadamente, descrever e analisar conceitos no contexto de evolução de cada “programa de pesquisa” (cf. Lakatos), lugar que ocupa no conjunto dos saberes humanos, sua história conceptual, discursiva e terminológica. O conhecimento é um processo semiótico de conceptualização de modelos discursivos. Pelo que, é sempre histórico, contextual, social, relativo, discursivo e formal.

<sup>5</sup> Veículo de coerência e coesão da comunicação especializada, análise das linguagens de especialidade em discurso e usos sociais das terminologias.

do tratamento das unidades terminológicas enquanto estruturas de conceitos e de designações<sup>6</sup> de um domínio, e sua organização em “terminoclatura”, ou estruturação dos termos do domínio.

### **3. Da pertinência da análise conceptual de um domínio**

O domínio articula-se semioticamente em torno dos conceitos, dos termos, dos meios de representação e de transferência. Os meios utilizados para a expressão e a comunicação de um domínio constituem o seu sistema semiótico de especialidade.

Um domínio é assim um conjunto de discursos produzidos a partir da terminologia e de um sistema conceptual, representativo de fenômenos, encadeamentos de operações, meios, métodos, finalidades, resultados.

Torna-se portanto claro que a apresentação de um sistema conceptual de um domínio está submetido a critérios que têm em conta a natureza do domínio, os objetivos e as aplicações terminográficas. Enfim, permite-se assim as categorizações que determinam, por exemplo, num domínio como o da poluição, os fenômenos, os estados, as atividades (processos, ações, operações, reações), propriedades dos objetos, funções, dispositivos (de despoluição), nomenclaturas (resíduos), taxonomias (poluentes químicos).

Daí a importância do processo semiótico<sup>7</sup> para a abordagem cognitiva, na medida em que ao analisar as relações entre o real e o conceito, a Terminologia coleta e organiza os conhecimentos, a formação, classificação e correlação dos conceitos entre si e com os

---

<sup>6</sup> Os termos que são as unidades de conhecimento, de expressão e de denominação circulando num ambiente sociolinguístico próprio.

<sup>7</sup> Assinale-se, por exemplo, os trabalhos realizados por Cidmar Teodoro Pais, nomeadamente sobre o processo semiótico de construção dos saberes, que muito contribuíram para a descrição dos paradigmas científicos e os diferentes níveis dos discursos das linguagens de especialidade (discurso cognitivo, discurso objetivo, discurso referencial).

termos, conferindo coerência à estruturação das informações e à sua organização dentro dos campos do conhecimento.

Assim, a cognição como forma de apreensão do real, é um processo psíquico que parte da percepção do real para chegar à construção dos conceitos, isto é, ao conhecimento sobre o real.

O percurso gerativo da enunciação ou da produção de conhecimentos é um processo que parte de um recorte do real, passando pela construção dos elementos psíquicos, para chegar às conceptualizações, à lexemização e à formalização discursiva.

O conceito nasce assim de uma percepção/observação e de um certo número de correspondências. O especialista cria o conceito para descrever e explicar uma série de operações e de fenômenos. Para construir a teoria e organizar as observações, ele vai conceptualizar, isto é, organizar um programa de questões fundamentais ligadas à sua pesquisa. É dessa forma que os atos cognitivos surgem através de modelos cognitivos – os germes dos conceitos<sup>8</sup>. Quando se verificar que as informações recolhidas sobre os objetos observados são rigorosas e sistemáticas, a conceptualização produz-se.

O conceito é o elemento fulcral de um modelo cognitivo e ao classificar os objetos numa determinada ordem confere-lhe autoridade. É o conceito que possibilita a gestação e a estruturação dos signos ao constituir as matrizes dos termos que formam a estrutura terminológica de um domínio. Trata-se, portanto, de uma semiótica, ou escolha dos signos, processo de denominação dos conceitos (*naming*). O objeto tornado referente apresenta-se constituído por um conjunto de caracteres, formalizado por uma unidade com valor denominativo (*lexemização*).

O conceito é, em suma, uma

representação abstrata composta pelo conjunto de traços comuns essenciais [forma, função, natureza] a um grupo de entidades

---

<sup>8</sup> A célebre sombra do conceito de Pottier, possuindo um caráter ontogênico.

(objetos, ideias) e obtida por subtração das características individuais dessas entidades (Rondeau, 1984:22).

Assim, o conceito é uma entidade que explica e prevê, composto de caracteres ou traços, distribuídos por classes regidas por critérios de pertinência, os quais servem para descrever e identificar uma qualidade de um objeto individual, cuja função é permitir a comparação entre conceitos, a sua classificação, definição e formação dos termos que lhe servem de etiqueta. Os conceitos são, por fim, unidades de conhecimento, base da criação e renovação dos saberes, identificáveis por propriedades e relações, a partir das quais se estruturam esses saberes, erigidos em paradigmas, modelos veiculadores de teorias. Desde que a conceptualização se impõe, o sentido constrói-se. No seio de um discurso o conceito não é outra coisa senão uma unidade de fabricação de conhecimentos.

Os conceitos são entidades sistêmicas, agrupados em categorias, distribuídos por classes e integrados num sistema de relações, determinando assim o seu lugar próprio no domínio.

Como distinguir um conceito em relação a outro? Distinguem-se os conceitos pelos caracteres que os aproximam, os excluem, os coordenam, os opõem, etc.

Como determina a Terminologia o lugar que o conceito ocupa no sistema conceptual? A Terminologia interessa-se pelos caracteres intrínsecos e extrínsecos<sup>9</sup> dos conceitos, procedendo a uma análise do conceito em intensão (conjunto de caracteres que constituem o seu objeto) e em extensão (conjunto dos objetos aos quais se aplica)<sup>10</sup>.

Assim sendo, o terminólogo identifica o conjunto dos caracteres de cada conceito para os distinguir e os distribuir por classes,

---

<sup>9</sup> Os caracteres intrínsecos e extrínsecos distinguem-se pela relação que têm com o objeto que representam. Os caracteres intrínsecos referem-se à natureza do objeto e os caracteres extrínsecos à função, origem, destino, localização, inventor, etc, são externos à definição do objeto enquanto elemento de uma classe.

<sup>10</sup> Cf., nomeadamente, Sager (2000) sobre a distinção entre conceito geral, conceito específico, conceito individual e respetivos referentes.

determinando desta forma as semelhanças, os graus de parentesco, as associações, as reciprocidades, as oposições, as complementaridades, etc., já que cada conceito é composto de uma série de caracteres comuns a uma classe de objetos individuais.

A análise terminológica dos conceitos completa-se quando identifica as interrelações que os unem. Num domínio, os conceitos estão sempre em relação uns com os outros por um sistema de laços lógicos e ontológicos<sup>11</sup> que ajudam a delinear o mapa conceptual do domínio.

O sistema conceptual como o do domínio da poluição é composto por vários campos conceptuais organizados a partir de relações conceptuais que são de tipo lógico e ontológico, relações úteis para a organização das séries terminológicas.

Estamos, portanto, perante relações de superordenação, de subordinação, de coordenação e de associação<sup>12,13</sup>.

As relações lógicas são as relações de semelhança, de inclusão/identidade ou de oposição, em que o conceito possui pelo menos um elemento comum. São as chamadas relações de superordenação e de subordinação, e são de três tipos: relações genéricas (género-espécie, tipo-produto), relações específicas (espécie de, faz parte de/ está incluído) e relações de coordenação (a um conceito imediatamente superordenado, possuindo uma mesma série de caracteres).

As relações ontológicas referem-se às relações de presença ou de contiguidade e dividem-se em dois tipos: as relações partitivas

---

<sup>11</sup> A Lógica interessa-se pela natureza do conceito, sua representação e relações entre conceitos. A Ontologia estuda os objetos, a forma como são ordenados na realidade e as relações que estabelecem. As relações lógicas são, no plano filosófico, de parentesco (as classes de conceitos), analisadas em compreensão (genéricos/específicos) e em extensão (inclusão, exclusão). As relações ontológicas realçam os caracteres do ser (entidade).

<sup>12</sup> Podendo mostrar a interpenetração existente entre terminologias endógenas e terminologias exógenas.

<sup>13</sup> Cf. Norma **ISO 704** (1987) e Norma **ISO 1087** (1990).

(parte-todo<sup>14</sup>) e as relações associativas<sup>15</sup> que são, geralmente, não hierárquicas, (parte de, espécie de, função de, próximo de...), dividindo-se em relações sequenciais (agente-ação-resultado) e relações de localização (contiguidade, x pertence a y, x possui, comporta, contém, inclui).

O sistema conceptual de um domínio está assim normalmente estruturado a partir de conceitos genéricos, específicos, coordenados, associados, antagônicos.

## **2.1 Relações lógicas e ontológicas : o exemplo do domínio de experiência da poluição**

O sistema conceptual do domínio de experiência da poluição é simultaneamente hierárquico e não hierárquico<sup>16</sup>: organizado em torno de conceitos genéricos, de conceitos específicos, de conceitos coordenados, de conceitos associados e de conceitos opostos. O conceito de *poluição* é o superordenado dos conceitos subordinados de *poluição atmosférica/poluição do ar*, *poluição hídrica/poluição da água*, *poluição do solo*; *poluição* e *contaminação* são conceitos em oposição (opostos ou em antonímia) o mesmo para equilíbrio ecológico e desequilíbrio ecológico; *poluir e despoluir*; *poluição*, *antipoluição*, *despoluição*.

Referindo mais especificamente ao campo conceptual da *poluição do ar/poluição atmosférica*, verificamos que é composto por um conjunto de conceitos ordenados a partir de relações superordenadas, subordinadas, coordenadas e associativas, em que são descritas ações (*poluição atmosférica*), resultados (*poluição regional*, *poluição fotoquímica*, *poluição atmosférica local*), objetos (*analisa-*

---

<sup>14</sup> Estes tipos de relações podem, todavia, ser inclusivas ou partitivas. Em semântica a relação parte-todo é aquela que liga um merônimo (parte) a um todo (holônimo), possuindo pois graus de transitividade ou de inclusão.

<sup>15</sup> Os conceitos podem estar mais ou menos próximos e não possuírem caracteres comuns.

<sup>16</sup> Cf. Norma ISO 704 (1987) e Norma ISO 1087 (1990).



*dor automático*), substâncias (*poluentes primários, poluentes secundários*), processos (*despoluição*), métodos (*dessulfuração, desnitrificação*) e efeitos (*efeito de estufa, smog, chuva ácida*).

A *poluição atmosférica* é o conceito superordenado dos conceitos *poluição fotoquímica, poluição térmica; atmosfera, camada de ozono*, entre muitos, são seus conceitos associados; *poluição hídrica e poluição do solo* são conceitos coordenados; *poluição, contaminação, bioacumulação, concentração, são conceitos associados*.

No plano das relações lógicas, a poluição é um ramo da Alteralogia, a *poluição da água* é um tipo de poluição; a *poluição bacteriológica* é uma *poluição da água* (x específico é um y générico).

Nota-se que nas relações de inclusão, a série vertical inclui uma série horizontal em que os conceitos de mesmo nível podem estabelecer, por exemplo, relações de oposição: a *poluição hídrica/da água* não é uma *poluição atmosférica*. O *aterro sanitário* e o *aterro controlado* são tipos de *aterros*. Finalmente, a *poluição da água*, a *poluição do ar*, a *poluição dos solos* são conceitos coordenados de poluição.

No plano das relações ontológicas os exemplos são explícitos. Assim, *poluente atmosférico* possui várias componentes :  $SO_2$  (dióxido de enxofre), *PS* (partículas em suspensão), *NOx* (óxidos de azoto), *COV* (compostos orgânicos voláteis), *CO* (monóxido de carbono), *HCL* (ácido clorídrico), *Pb* (chumbo); *poluente do solo* inclui *nitratos e fosfatos*.

Por sua vez, o conceito de poluição associa-se aos conceitos de *ecologia, meio ambiente, alteração, ecotoxicologia, biosfera, ecossistema, degradação, biodegradação, contaminação, concentração*.

As relações sequenciais dizem respeito aos processos em movimento, do tipo agente-ação-resultado: *poluidor-poluição-poluição*. Nas relações de localização, podem-se indicar, entre outros, *poluição do ar, poluição da água, poluição dos oceanos*.

A análise do sistema conceptual revela-se, deste modo, uma boa metodologia para descrever e estruturar os campos conceptuais de um domínio.

### **3. Da pertinência da análise semântica em Terminologia**

Os aspectos supra descritos podem igualmente ser considerados numa perspectiva semântica uma vez que os conceitos também são o fundamento do sentido. A Terminologia considera, aliás, que o sentido de um termo é o seu conceito, reforçando assim a ideia de uma interação forte entre o nível conceptual e o nível do sentido porque o termo tem como papel apresentar a totalidade da informação sobre o conceito (grau máximo de intensão) e é utilizado num domínio de especialidade (redução de extensão). Nesta ordem de ideias, os caracteres que definem e delimitam os conceitos tornam-se traços semânticos.

A semântica lexical, neste caso particular, contribui, no eixo paradigmático onde se dá a classificação dos termos e se delimitam as séries terminológicas, para estruturar a terminologia de um domínio. Pela análise semântica tornam-se nítidas as relações de sentido entre os termos do domínio e, mais particularmente, a articulação do campo conceptual com o campo lexical<sup>17</sup>.

Na verdade, os materiais terminológicos, cuja função é a representação e a transferência de conhecimentos, são simultaneamente conceptuais e semânticos.

Pela análise semântica descreve-se o sistema de relações de sentido entre os termos. As relações são de dois tipos: relações hierárquicas e de inclusão, relações de equivalência e de oposição.

---

<sup>17</sup> O campo terminológico de um domínio é o conjunto de termos agrupados de forma objetiva e estruturada; termos que estão ligados por relações formais e/ou semânticas. O campo terminológico, lugar de produção de significação, é o reflexo do campo conceptual.

### 3.1 Relações hierárquicas e de inclusão

Numa relação hierárquica as unidades terminológicas não ocupam o mesmo nível, o que é característico do universo léxico. Trata-se dos hiperônimos e de hipônimos cuja função é a designação de classes.

O termo *Alteralogia* é o hiperônimo de poluição, que por sua vez é o hiperônimo de *poluição do ar*, *poluição da água*, *poluição do solo* (hipônimos de *poluição e co-hipônimos*); a *poluição da água* é o hiperônimo de *poluição biológica*, hiperônimo de *eutrofização*.

Facilmente se verifica que os termos de poluição atmosférica, poluição da água e poluição do solo são simultaneamente hiperônimos e hipônimos. Coloca-se, deste modo, a questão de saber se estes termos representam *um tipo* de poluição, *uma parte* da poluição, um *processo-resultado* da poluição e/ou *uma fase-lugar* da poluição.

A relação de hiponímia é uma relação hierárquica que une uma palavra específica (o hipônimo) a uma palavra geral (hiperônimo). Enquanto as relações genérico-específicas parecem ser mais facilmente identificáveis (poluição biológica é um tipo de poluição), a análise das relações hiponímicas afigura-se mais complexa.

O tipo de relação que mais frequentemente põe problema é o das relações partitivas (parte-todo) e, mais precisamente, as relações de implicação ou relações do holônimo com o merônimo. Como exemplo, refira-se, no domínio da poluição, as relações de contiguidade de tipo causa-efeito, ação-resultado (o superordenado poluição incluindo os dois), e de origem-destruição (poluentes).

A dificuldade de distinguir no sistema semântico do domínio as relações partitivas e as relações de implicação, meronímica, prevalece. A complexidade destas relações encontra-se nomeadamente na relação *poluentes – tipos de poluição*. Em primeiro lugar, segundo a *natureza dos poluentes*, a poluição pode ser química, orgânica, mineral, mineral aniônica, mineral catiónica, biológica, radioativa, térmica. E, em segundo lugar, segundo as *condições de dispersão dos poluentes*, a poluição pode ser acidental, crônica; e, em terceiro

lugar, segundo a sua *dispersão*, pode ser difusa, pontual, transfronteira, local, global.

As relações que ligam os termos *auditoria ambiental*, *educação ambiental*, *estratégia ambiental*, *tecnologia limpa*, *fiscalidade ecológica* ao holônimo *proteção ambiental* são mais relações meronímicas que simples relações partitivas. Constata-se, em suma, que ao proceder a uma análise semântica de um domínio se torna necessário distinguir claramente as relações meronímicas<sup>18</sup> das relações partitivas.

### 3.2 Relações de equivalência e de oposição

Aqui as unidades terminológicas encontram-se no mesmo plano e colocam questões relacionadas com a polissemia, a homonímia, a sinonímia, a antonímia.

Partindo do pressuposto de que as linguagens de especialidade estão submetidas à lei da economia linguística, ao processo geral de conservação e de mutação da língua, as unidades lexicais funcionam em discurso e os termos estão sujeitos à polissemia, portanto, aos diversos graus de significação.

Assim sendo, a polissemia e a homonímia exprimem o potencial dos termos quando os seus traços semânticos significam nas diferentes situações.

A polissemia é um fenómeno lexicológico de ordem geral, acontece devido a fenómenos de variação diversos (variação diacrônica,...). Um termo pode tornar-se polissêmico por extensão, atração de sentido e metáfora.

A homonímia identifica-se a partir da sua distribuição no seio de diferentes sistemas conceptuais (termos pertencendo a diferentes disciplinas) e é geralmente de mesma categoria gramatical.

---

<sup>18</sup> Otman (1996) distingue seis relações meronímicas : objeto-elemento, conjunto-membro, massa-porção, objeto-constituente, atividade-fase, zona-lugar.

A homonímia, composta de homógrafos e homófonos, apresenta diferentes noções. Assim, o termo francês *décharge* designa a zona na qual são entrepostos os resíduos domésticos ou industriais. Em tipografia, o termo designa uma folha de papel que absorve o excesso de tinta dos caracteres tipográficos. Da mesma forma, *déchets*, em poluição, designa os resíduos produzidos pelas atividades humanas enquanto na linguagem corrente designa uma pessoa desprezível. Neste sentido, se coloca, indubitavelmente, a questão do seu tratamento terminográfico a nível, nomeadamente da macroestrutura de um dicionário, sabendo que em terminografia se privilegia a macroestrutura simples porque em linguagem de especialidade estamos em presença de termos homônimos e não propriamente de signos polissêmicos.

Poderá considerar-se a existência de sinônimos em linguagens de especialidade? Os verdadeiros sinônimos são comutáveis em todos os enunciados de um mesmo domínio, o que supõe que os termos designam uma mesma noção num mesmo nível de conceptualização e de registo de língua. Para autores, como Sager, a verdadeira sinonímia existe quando os termos são intercomutáveis em todos os contextos.

Aceita-se, no entanto, que um conceito pode possuir várias designações mas é difícil encontrar termos que possam ser substituídos em todos os contextos do discurso. Seria necessário que as noções para as quais as denominações reenviam fossem idênticas em intensão e em extensão. Pode-se pois partir do princípio que, na falta de uma perfeita sinonímia, existe uma sinonímia parcial ou gradual, aproximativa produzindo-se nos planos sintático, semântico e pragmático.

Estando a sinonímia estreitamente ligada ao contexto temos todo o interesse em estudar os sinônimos em discurso, colocando assim a problemática da sinonímia em termos de variação terminológica. Tendo em conta uma só língua e um só discurso de especialidade, pode-se considerar que, se não há sinonímia propriamente dita, a distância distribucional entre os termos é devida ao fato de estes pertencerem a domínios ou ramos de especialidade diferentes e,

por conseguinte, sujeitos a variações no discurso (parassinonímia). Assim, termos como  $CO_2$  ~ *dióxido de carbono* ~ *gás carbônico* são variantes de registro; dióxido de carbono e gás carbônico são, aliás, uma paráfrase de  $CO_2$ .

Existe, finalmente, variação no interior das nomenclaturas e é, sobretudo, uma consequência do processo denominativo e do discurso pedagógico. Utilizar o termo água em vez de  $H_2O$  revela uma intenção de clareza e de transparência de explicação do conceito. Em suma, os termos que dão vida aos discursos são um campo aberto à variação denominativa.

Quando se determina a estrutura semântica de uma dada terminologia, ter em conta as diferenças de uso é fundamental para medir as consequências da sinonímia, nomeadamente, na elaboração de obras terminográficas.

Em vez de estabelecer uma ordem rígida da sinonímia é preciso, portanto, procurar destacar os seus diferentes usos. Na ótica normalizadora, a Terminologia tinha preconizado o termo «quase-sinônimo» para designar os diferentes usos do termo. Trata-se, finalmente, de um leque de variação sociolinguística nos eixos diacrônico (variação cronolectal) e sincrônico (variação dialetal, tecnoletal, socioletal, idioletal).

A problemática da sinonímia entre duas línguas de um mesmo domínio é um fenómeno de equivalência. O termo equivalente serve para determinar as relações entre termos de línguas diferentes que designam as mesmas noções. Por exemplo, as famílias dióxido de carbono ~ dyoxide de carbone, azote~azoto ~ nitrogênio são equivalentes.

Também a equivalência interlinguística se submete a estes graus de variação. A equivalência entre os termos de duas línguas pode ser total quando a correspondência entre termos e noções é isomórfica como, por exemplo, a utilização das nomenclaturas da química e as taxonomias dos resíduos em *pollution/poluição*.

Porém, a equivalência depende também da variação. Há termos que se distinguem por níveis de língua ou por diferenças de intensão e de extensão.

No que diz respeito à antonímia, são também frequentes em linguagens de especialidade como no domínio da poluição. As relações entre *desequilíbrio ecológico/procura de equilíbrio* governam a temática poluição/despoluição facilmente detectáveis nos seguintes exemplos: poluição ~ despoluição ~ antipoluição; poluir ~ despoluir; poluído ~ despoluído, poluidor ~ despoluidor .

No final de uma análise, é possível concluir, de forma bastante segura, se o domínio estudado tem uma boa dinâmica conceptual e lexical e se obedece às finalidades do domínio e aos parâmetros psicossociolinguísticos<sup>19</sup>, que são elementos determinantes para medir a sua criatividade terminológica.

### **3.Conclusão**

A Terminologia, ao interessar-se não só pela história da construção e evolução dos conceitos/termos mas também pela categorização ontológica e linguística dos discursos e terminologias das diversas áreas do conhecimento, tem contribuído para a análise das linguagens de especialidade tanto a nível teórico como a nível das aplicações terminográficas.

Como vimos, cada domínio constrói o seu desenvolvimento terminológico segundo a natureza e as formas que o caracterizam. Na verdade, consideramos que na criação e na evolução de um domínio se dá, em primeiro lugar, a constituição das denominações e dos termos dependentes, à partida, do sistema conceptual característico do domínio. Em seguida, as novas representações relativas à evolução dos conhecimentos do domínio são submetidas aos modelos de formação discursiva. Por sua vez, os termos, representantes de conceitos, constituem o repertório aberto de conhecimentos e constituem um meio seguro permitindo a evolução, aprofundamento ou especialização desses conhecimentos.

---

<sup>19</sup> Cf. Yves Gentilhomme (2000).

A descrição dos conceitos e de suas relações mostra que as linguagens de especialidade são sistemas discursivos mais ou menos controlados segundo o tipo de especialidade.

Em conclusão, acreditamos que só depois de realizada a descrição da estrutura conceptual de um domínio é possível descrever e reconstituir a organização linguística das unidades que compõem os seus campos terminológicos.

Para Maria Aparecida Barbosa, o linguista deve observar e descrever “o saber social e humano” conferido aos vocábulos pelos grupos sociolinguísticos e culturais e pelos diferentes domínios de experiência, com o fim de propor novos modelos (1996) ... e sempre novas contribuições para o desenvolvimento do conhecimento humano. A metodologia da Terminologia tem correspondido aos seus anseios.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M.A. *Língua e Discurso. Contribuição Aos Estudos Semântico-Sintáticos*. 4<sup>a</sup> ed., v. 1. São Paulo: Plêiade, 1996.
- . *Léxico, Produção e Criatividade, Processos do Neologismo*, 3<sup>a</sup>ed, v. 1, São Paulo: Plêiade, 1996.
- . Réflexions sémantiques sur l'article dans l'oeuvre lexicographique. In *Acta Semiotica et Linguística*, v. 6, São Paulo : Plêiade, 1996.
- . Estruturas e tipologia dos campos conceptuais, campos semânticos e campos lexicais. In *Acta Semiotica et Linguística*, v. 8, n° 1, São Paulo: Plêiade, 2000.
- . Sistema conceptual e sistema terminológico. In: TradTerm Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia, n°7, São Paulo, 2001.
- . Da terminologia aplicada: recortes epistemológicos e funções pedagógicas. In Revista Brasileira de Linguística, v. 13, n. 1, São Paulo: SBPL, 2005.



- DEPECKER, L. Contribution de la terminologie à la linguistique. In *Langages*, n° 157, Paris: Larousse, 2005.
- FREJAVILLE, R.M. Ciência e terminologias: o domínio de experiência da poluição. In *Revista Brasileira de Lingüística*, vol. 12, n°1, São Paulo: SBPL, 2003.
- . *Étude terminologique du discours spécialisé de la pollution – vers la structuration d’un modèle de dictionnaire terminologique bilingue (français/portugais)*. Thèse de doctorat, Lille : ANRT, 2002.
- . Terminologia Técnico-Científica do Português: aspectos da produtividade lexical num corpus em Lsp. Contributos para um projecto de Vocabulário Bilingue (francês/português) da Poluição. *Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Universidade de Oxford, 1-8 sep 1996, AIL, Coimbra, 1998.
- ; DUPUPET, M. Contribuições para a constituição da(s) terminologia(s) da Ecologia. In *Revista Brasileira de Lingüística*, vol. 9, n°1, São Paulo : SBPL, 1999.
- GENTILHOMME, Y. Du sens à la définition en paysage mathématique. In *Le sens en Terminologie*. Lyon: PUL, 2000.
- LAKATOS, I. *The methodology of scientific research programmes*. 9<sup>a</sup> edition. EUA: Cambridge University Press, 2001.
- OTMAN, G. *Les représentations sémantiques en terminologie*. Paris : Masson, 1996.
- PAIS, C.T. *Ensaio semiótico-lingüísticos*. São Paulo : Global, 1984.
- RONDEAU, G. *Introduction à la Terminologie*. Québec : Gaëtan Morin Éditeur, 1984.
- SAGER, J. C. *A practical course in terminology processing*. Manchester: John Benjamins, 1990.